

As relações de professoras de bebês com o trabalho docente: interfaces do fazer docente

Ana Paula dos Santos Nery – UFCG-BR

anapaulanery67@gmail.com

Maria das Graças Oliveira – UFCG -BR

mariaeduc2013@gmail.com

Isabela Sarah Trigueiro Custódio de Brito – UFCG-BR

i.belasarah@gmail.com

Resumo

Este estudo trata-se de um artigo científico, fruto de uma pesquisa de mestrado realizada no município de Campina Grande, Paraíba (Brasil), a respeito das concepções de professoras de bebês sobre o trabalho docente no berçário. Buscou-se responder ao seguinte questionamento: quais são os significados que as professoras de bebês atribuem ao trabalho docente que desempenham em berçários públicos de Campina Grande-PB? Pretendeu-se, dessa forma, compreender esse trabalho na perspectiva do ator social que o executa e, assim, conhecer como as professoras descrevem os seus trabalhos docentes, as suas dificuldades e seus desafios no cotidiano com as crianças nos berçários, assim como o que realizam em suas práticas pedagógicas com os bebês. Para tanto, foi realizado um recorte a partir da pesquisa de mestrado sobre a temática, e utilizados dados provenientes desse estudo. Os dados analisados neste trabalho advêm de questionários aplicados a professoras em 16 creches públicas no município, com docentes de berçários, que contaram com 25 respondentes. Nesse sentido, o estudo utiliza-se de abordagens quantitativas e qualitativas. Percebeu-se, a partir dos dados analisados, que coexistem, nas respostas das docentes, aspectos sobre os prazeres e realizações de suas práticas, bem como as dificuldades e aspectos negativos do trabalho.

Introdução

No cenário da Educação Infantil brasileira, muito se tem debatido sobre o trabalho da professora de bebês em vários espaços, como em pesquisas, cursos de formação e secretarias de educação. Nos estudos acerca da temática, os pesquisadores têm como foco entender as particularidades e as singularidades que envolvem esse ofício com crianças tão pequenas. Nos cursos de formação, na análise de alguns estudiosos, a abordagem dos cuidados e da educação de bebês em espaços coletivos necessita ser ampliada de modo que tais singularidades sejam explicitadas para os futuros docentes. As secretarias de educação, por sua vez, buscam, através de diferentes estratégias, conformar o perfil desse professor e o trabalho docente para o qual contratam os seus serviços.

Pode-se afirmar que, em comum, esses atores sociais – pesquisadores, técnicos de secretaria de educação e formadores de professores – têm a necessidade de compreender, desvelar e até mesmo prescrever o trabalho docente com os bebês. A pesquisa recente de Brandão e Oliveira (2022), sobre a condição docente de professores no estado da Paraíba, mostra que, na tentativa de compreender a docência na Educação Infantil, os pesquisadores analisam sob a perspectiva do devir, o que pode indiciar que os professores dessa faixa etária não se enquadram nos perfis exigidos pela sociedade.

Nesse cenário, urge a discussão da indagação: por que tal fato se configura? O que há na realidade das instituições de Educação Infantil que distancia o trabalho docente dos requisitos teóricos dos pesquisadores? Corrobora-se o argumento de Tardiff e Lessard (2012) de que o trabalho do professor deve ser analisado na perspectiva do que esses sujeitos sociais são e fazem. Nesse sentido, esses profissionais, ao realizarem o seu trabalho, o fazem sob dois âmbitos: o das normativas oriundas da legislação e da organização da instituição em que trabalham e sob o âmbito da relação pessoal que eles constituem com o próprio trabalho, atribuindo ao mesmo significado em conformidade com seus saberes e experiências de vida e da formação inicial e continuada. Esse é o foco das análises apresentadas neste estudo, a saber, a relação das professoras de bebês com o seu trabalho nas instituições de Educação Infantil do município de Campina Grande-PB- Brasil. Trata-se do recorte de uma pesquisa de mestrado concluída, cuja problemática central é: de que forma as professoras de bebês se relacionam com o seu trabalho docente?

Este texto está organizado da seguinte maneira: introdução, seguida pela abordagem teórica sobre a docência com bebês, suas especificidades de generalidades; posteriormente apresenta-se os percursos teórico-metodológicos e dos sujeitos da pesquisa; na sequência, a análise das interfaces do trabalho docente com os bebês na perspectiva das professoras; por fim, serão tecidas as considerações finais.

A docência com bebês: entre generalidades e especificidades

As generalidades do trabalho docente

A profissão docente constitui-se como um amplo campo de trabalho relativo às situações de ensino e aprendizagem. Teixeira (2007) aponta que o que funda a condição

docente, isto é, aquilo que torna o indivíduo um professor, é a relação estabelecida entre docente e discente. A autora afirma que “um não existe sem o outro. Docentes e discentes se constituem, se criam e recriam mutuamente, numa invenção de si que é também uma invenção do outro” (Teixeira, 2007, p. 429).

Nessa perspectiva, é possível compreender que a docência se exerce em estabelecimentos institucionais nos quais se relacionam professores e alunos, sujeitos socioculturais que vivem temporalidades distintas e transitam em contextos diversos, ocupando diferentes papéis sociais (Teixeira, 1996). No entanto, é comum que haja uma hierarquização valorativa e de relações de poder dentro do campo da docência, embora a matéria que funda a condição docente de cada professor seja a mesma e esteja presente nas variadas etapas do ensino. Nesse cenário, a etapa da Educação Infantil, incluindo a docência com bebês, é a área que mais sofre desvalorização, apresentando baixo prestígio no âmbito social.

Em parte, essa desvalorização acontece pela tradição de se associar a educação de bebês e crianças pequenas à maternagem e, portanto, a uma falta de formação e profissionalismo, relegando esse ofício a pessoas sem qualificação. Cerisara (2002) apresenta alguns fatores indicados por pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas para explicar a hierarquização dos cargos na primeira etapa da educação básica, apontando para a atividade direta com o educando, a (pouca) idade dos profissionais e a proximidade com o corpo como determinantes da condição inferiorizada desses profissionais.

Discorrendo acerca dessa questão, Santos (2020) traz a fala de uma professora de bebês, participante de sua pesquisa, identificada como “P5”, e afirma que

A docência como profissão é a mesma para as professoras que trabalham com bebês, com adolescentes, jovens e adultos. A mesma docência que identifica o professor como professor, em qualquer que seja a etapa, a modalidade e/ou o nível de ensino, também é usada para diferenciar os professores entre eles no que tange à carreira, ao plano de cargos e salários, ao reconhecimento e ao prestígio social. ‘As pessoas olham para mim como se eu fosse uma professora babá. Eu sentia isso, sabe?’ (P5). Ser professora de bebês e ser professora de jovens, no Ensino Médio, tem valorização diferente tanto no interior da categoria docente como na sociedade (Santos, 2020, p. 524).

Nesse sentido, a autora aponta para uma solidão profissional da professora de bebês, que é invisibilizada tanto na sociedade – juntamente aos bebês com os quais trabalha –, quanto nas pesquisas e nas políticas públicas. Diante de uma lógica neoliberal que invadiu o cenário educacional no Brasil desde a década de 1990, com reformas de base nesse e em

outros setores, as etapas mais privilegiadas com recursos e políticas públicas são as que trazem mais lucro e produtividade para o mercado, afastando os governos e secretarias das creches e berçários.

Essas práticas reverberam nas creches, por exemplo, através da prevalência, em muitos municípios, de profissionais contratados no berçário, “na terceirização, no pagamento de baixos salários, na falta de reconhecimento/valorização, de condições de trabalho” (Santos, 2020, p. 513). Tal fato pode constituir-se como um fator de desestímulo para as professoras escolherem trabalhar com uma faixa etária tão específica. Contudo, Duarte (2018) aponta também para um crescente interesse de algumas docentes nessas turmas, fato que pode ser atribuído ao aumento do número de pesquisas sobre os bebês e suas professoras, que tem dado maior visibilidade a esses sujeitos. Além disso, a autora indica que

Talvez possamos ainda inferir que esse crescente interesse pelos bebês possa estar relacionado à afirmação dessas professoras como docentes, como profissionais da educação, distanciando-se cada vez mais da ideia que por muito tempo permeou a respeito de uma suposta ideia de ‘maternagem’, de um discurso de que no berçário ‘só se cuida’ o que reduzia esse cuidado a ações mecânicas, o que por sua vez negou o profissional por muito tempo (Duarte, 2018, p. 2).

Nesse sentido, a discussão a respeito da docência com bebês e as especificidades que a tornam diferente de outras formas de trabalho docente se mostram como uma forma de resistência ao menosprezo, dando lugar e visibilidade aos sujeitos que estão envolvidos nessas práticas educativas. Outro aspecto a se ressaltar é a profissionalização dessas docentes, que, desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, inseriu as creches no âmbito da educação e estabeleceu como exigência para o trabalho com crianças na Educação Infantil a habilitação mínima de Magistério 2º grau, com perspectiva de as professoras obterem graduação em Pedagogia. Tal formação inicial pode, em conjunto com a profissionalização, se constituir como fatores que dão novas configurações à docência com bebês nessa segunda década do século XXI.

As especificidades da docência com bebês

A docência com bebês destaca-se dentro do universo da Educação Infantil, possuindo especificidades que a tornam diferente do trabalho com crianças maiores. Tais especificidades

do trabalho docente advêm, principalmente, da faixa etária dos sujeitos envolvidos, a saber, os bebês. Estes possuem grande dependência física dos adultos, como mostra Silva (2018), o que demanda cuidados individualizados, como trocas e alimentação, de maneira recorrente na rotina dos grupos.

Nesse sentido, é uma docência que se realiza corporalmente, na qual a relação que envolve docente e discente – presente em toda e qualquer relação educativa – toma formas essencialmente corporais que perpassam tanto o corpo do bebê quanto o da professora, que manifesta uma disponibilidade corporal para atender às demandas dos sujeitos com os quais trabalha, sejam estas de higiene, sono, alimentação, atenção, consolo ou afeto. A comunicação, nesse sentido, não se limita à fala, mas, sobretudo, transcende-a, assumindo as manifestações corporais – de choro, gestos e expressões através de outras linguagens. Tal fato exige das professoras um olhar sensível para ler as diferentes formas de expressão dos bebês e interpretá-las, dialogando com eles.

Duarte (2018) discorre acerca da ação docente com os bebês e demarca a dimensão das relações de cuidado e a dimensão das relações corporais como constitutivas dessas especificidades. Em relação à primeira dimensão, a autora mostra como as ações de cuidado com os bebês fazem parte da rotina do grupo, através de ações individualizadas em meio à multiplicidade de atividades que ocorrem diariamente no coletivo. Já em relação à dimensão das relações corporais, Duarte (2018) aborda o corpo como linguagem, mostrando que, no encontro dos corpos no berçário, existem demandas que deixam marcas nos corpos das professoras, exigindo disponibilidade física para atender às necessidades dos bebês.

A idade das crianças é uma das especificidades que se sobressai às outras, visto que há uma relação entre as professoras e os bebês que transcende a comunicação face a face da docência com crianças maiores, as quais têm a linguagem verbal desenvolvida através da fala. Trata-se de uma interação corporal e ao mesmo tempo subjetiva, permeada pelos sentidos: olfato, paladar, visão, e, mais uma vez, a dimensão do corpo, já mencionada. Uma relação em que o adulto domina a fala e, por meio dela, se comunica com o ser em formação, ação esta complementada pelos gestos, pela empatia, pela tentativa de “ler”, “decifrar” a linguagem do outro, que se expressa por meio da linguagem do choro, do sorriso, das caretas. E, dessa forma, comunicam que estão com fome, saciados, com dor, felizes, incomodados com alguma coisa, escutam... escutam... exploram... exploram...

Para aqueles sujeitos que estão alheios ao universo da educação, a docência com os bebês parece um enigma que se desenha conforme o seu lugar social. O que deve ser ensinado aos seres humanos em tão tenra idade? O que é educar e cuidar, binômio da Educação Infantil? O que consta no planejamento de uma professora de berçário? Qual é a grade curricular que atende às necessidades de conhecimento teórico-prático dessas profissionais? As respostas a essas indagações em princípio estão nas instituições de Educação Infantil que atendem a essa faixa etária, mais especificamente nas narrativas sobre o trabalho docente das professoras que exercem a docência em berçários com crianças bem-pequenas e os avanços e os desafios do cotidiano.

A docência com bebês revela-se como uma temática particular dentro do vasto campo de estudos sobre o trabalho docente. É nessa perspectiva que a pesquisa realizada buscou compreender as relações estabelecidas por professoras de bebês com o trabalho que realizam no berçário. Parte-se do pressuposto de que essa compreensão pode contribuir para que a formação inicial e continuada de professores seja mais adequada e as políticas públicas engendrem uma organização de trabalho que melhor atenda às necessidades educativas das crianças e do trabalho das professoras, tendo em vista que esses dois protagonistas precisam ser contemplados nas políticas públicas. E ainda que a sociedade, ao conhecer com maior profundidade o caráter teórico-prático desse labor profissional, o respeite e o valorize.

Os percursos teórico-metodológicos e os sujeitos da pesquisa

Este estudo é uma pesquisa de cunho quanti-qualitativo, realizado no período de novembro de 2021 a maio de 2022, em 18 instituições públicas municipais de Educação Infantil que atendem crianças na idade de quatro meses a um ano, em agrupamentos de crianças denominados de berçário. Essas turmas funcionam em período integral, são responsabilidade de três professoras que exercem a regência compartilhada no município de Campina Grande. Os sujeitos da pesquisa foram 26 professoras, que responderam ao questionário com questões abertas e fechadas, e seis docentes que participaram de entrevista semiestruturada.

O município de Campina Grande, na Paraíba, no período da realização da pesquisa, segundo informações da Secretaria Municipal de Educação, contava com 42 instituições que

atendiam à modalidade de Educação Infantil. Destas, 19 eram destinadas aos bebês, ou seja, de zero a 18 meses, em berçários. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil, de 2017, instaurou a seguinte organização etária: bebês, agrupamentos de crianças de zero a 18 meses, crianças bem-pequenas, idade de um ano e sete meses a três anos e 11 meses; e aquelas na faixa etária de quatro a cinco anos e 11 meses, crianças pequenas. Em Campina Grande, os bebês estão inseridos nas turmas de Berçário I- B1.

A organização do trabalho nas instituições de Educação Infantil nesse município pode ser refletida no trabalho compartilhado entre três professoras, as quais educam e cuidam de 18 bebês. Nos documentos oficiais da Secretaria de Educação, são seis bebês para cada docente. Elas usam da estratégia de formação de uma turma com 18 sujeitos que ficam em período integral nas instituições. As professoras cumprem uma jornada de quatro horas de trabalho, podendo prorrogar por mais duas horas, no período denominado de “soninho”, ou seja, momento em que os bebês dormem. Outra forma seria a jornada dupla, trabalhando em dois turnos, manhã e tarde.

O trabalho docente: interfaces entre ser professora e estar com os bebês nos berçários

“trabalhar com bebês é maravilhoso. Eu nunca pensei que seria.... Agora: é bem desgastante” (Professora Ismênia, novembro de 2022)

A epígrafe desta seção expressa a complexidade do trabalho docente com os bebês. Do ponto de vista da professora, trata-se de uma dualidade entre o prazer da atividade laboral e o consumo de energia física e intelectual empreendido na execução da docência com as crianças desta faixa etária nas instituições coletivas de Educação Infantil. A educação e os cuidados são duas premissas basilares da construção da prática pedagógica das professoras desta etapa, e, com as crianças na faixa etária de zero a 18 meses, os bebês estão tão amalgamadas que, até mesmo para algumas docentes, é difícil compreender esse processo e, tentam separá-los, ora afirmando que os cuidados são importantes, mas que não devem sobrepor à educação, ora tentando desvinculá-lo de sua atividade profissional: “Poxa! Tenho que dar banho em bebê,

trocar fralda. Como assim? Como é que fica meu processo pedagógico?” (Professora Solange, entrevista, novembro de 2022).

Eis uma das maiores contradições do pensamento da professora: ela trabalha com o ser humano no momento da vida em que ele necessita de um atendimento integral, com cuidados que envolvem prioritariamente o corpo, no âmbito da higiene, da alimentação e do afeto. O que seria “o processo pedagógico” ao qual ela se refere? Pedagogia é um termo originado do grego, e tem seus significados historicamente relacionados à intencionalidade de realização da educação (Scheibe, 2010). Na Educação Infantil, poderíamos relacionar a pedagogia à criação de percursos educativos para que as crianças explorem e vivenciem o mundo, sem perder a sua essência de ser criança.

As ações que envolvem o cuidado devem ter, hierarquicamente, o mesmo prestígio, que é aferido às de educação, pois, quando a professora se ocupa da higiene da criança, seja no banho, nas trocas ou na alimentação, está se relacionando a ela, e, com isso, inserindo-a no universo cultural, das noções de cuidado com o corpo, na alimentação, experimentando sabores, cores, odores, aromas. O cuidado também tem a dimensão de proteção contra os perigos, os prováveis acidentes no espaço da sala de atividades, da seleção e da organização de materiais pedagógicos para a exploração das crianças, das músicas, das histórias a serem contadas, dos livros de literatura. Todas essas ações do trabalho docente estão imbricadas com a educação. No sentido proposto por Paro (2000), a educação é a atualização histórica do homem, que acontece em duas dimensões: a individual e coletiva. A primeira diz respeito aos conhecimentos para o autodesenvolvimento dos sujeitos, no sentido de usufruir dos bens culturais e sociais, e a segunda está ligada ao mundo social, da formação humana para a convivência com a alteridade, o diálogo com as diferenças, enfim, com a vida coletiva.

Nesse sentido, a inserção das crianças no mundo social e cultural, realizada pelas professoras nas instituições de Educação Infantil, especificamente na promoção do desenvolvimento holístico do ser humano, é um reconhecimento recorrente das professoras investigadas. Elas reconhecem o papel do seu trabalho docente nesse aspecto: “Compreendo a importância do desenvolvimento adequado do meu aluno. É responsabilidade dar minha contribuição como profissional, estimular e possibilitar vivências significativas” (Professora 8, questionário, setembro de 2022) e trazem à cena a criança como propulsora desse labor: “O que mais gosto na minha profissão é o contato que tenho com minhas crianças, o vínculo

afetivo que construímos e saber que estou ajudando em seu desenvolvimento social, emocional e físico” (Professora 6, questionário, setembro de 2022).

Essa visão de trabalho mostra que a essência de ser professora, a condição docente, está presente nas narrativas das professoras, ao expressarem seus sentimentos e significados sobre o trabalho com os bebês. O estudo de Teixeira (2007) facilita na compreensão desse fenômeno. Ela defende a tese de que:

Há algo que funda a docência, sem o qual ela não existe. A docência tem uma essência, natural que não muda. O que funda e cria a docência é a relação. ‘A docência se instaura na relação social entre docente e discente. Um não existe sem o outro [...] Numa criação de si porque há o outro, a partir do outro’ (Teixeira, 2007, p. 429).

Pode-se depreender dos extratos de fala das professoras de bebês, fundamentados na argumentação de Teixeira (2007), que a relação com os bebês é valorizada pelas docentes em sua subjetividade, ou seja, é a razão que sobressai na atratividade da docência para elas. Tendo em vista que essa profissão se dá nas relações sociais, é uma condição relevante para se pensar a docência com os bebês, que são seres humanos que constituem suas identidades nessa relação com as professoras, com as outras crianças e com o universo social e cultural que têm acesso na instituição de Educação Infantil.

Os conhecimentos sobre o desenvolvimento humano e as necessidades educativas dos bebês parecem permear as concepções das professoras sobre seu trabalho. Ter consciência sobre a necessidade de proporcionar experiências significativas para as crianças adquire relevância ao se tratar do trabalho docente. Os estudos de Falk (2011), Goldschmied & Jackson (2006) e Vygotsky (2000) revelam que, do ponto de vista do desenvolvimento humano, da educação e dos cuidados, a organização dos espaços e dos materiais pedagógicos é um pressuposto constitutivo da ação de cuidar e educar os bebês na Educação Infantil.

O trabalho docente é uma atividade realizada com objetivos específicos, no intuito de produzir transformações, estando situada em contextos sócio-históricos. Desse modo, enquanto realidade objetiva (Fanfani, 2010), o fazer docente no berçário constitui-se em uma série de atividades que possibilitam sua realização, algumas delas realizando-se para além da interação direta com os bebês (como o planejamento, produção de recursos materiais, avaliação e registros). As professoras revelaram que o planejamento do trabalho docente é algo do controle da Secretaria Municipal de Educação, que semanalmente envia as temáticas a

serem desenvolvidas por elas com as crianças, cabendo às docentes realizarem adequações à idade e aos interesses da turma.

Dessa forma: “A gente já tem o esqueleto, né? Porque o esqueleto é dado pela prefeitura mesmo, já vem montado. O planejamento da semana que vem eu tenho até domingo para entregar a ela, à supervisora”. (Marta, professora, entrevista, novembro de 2022). Percebe-se, nesse extrato de fala, o aspecto do controle do trabalho docente: pela instituição, na figura do supervisor, e pela Secretaria Municipal de Educação, pelo envio do planejamento. Pode-se indagar: qual é o papel das professoras na construção do planejamento nesse cenário? Até que ponto o controle estatal reduz, ou não, a autoria e a autonomia das profissionais dessa rede de ensino? Qual é a concepção de professores dessa equipe técnica? Como as professoras adequam as necessidades educativas dos bebês em termos de idade e de interesse nesse enquadramento curricular? São questões importantes, tendo em vista que essas condições objetivas impactam tanto o trabalho docente, quanto a relação dessas profissionais com o trabalho.

Quanto à participação dos professores no planejamento, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, no artigo 13, nos incisos I, II e III, prevê que cabe aos docentes: participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino, elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta de trabalho do estabelecimento de ensino, e zelar pela aprendizagem dos alunos. Dessa forma, pode-se dizer que o documento legal dá ao professor a centralidade na ação de planejamento e nas decisões pedagógicas da escola.

Considerações finais

A relação das professoras com o trabalho docente com os bebês é permeada por contradições sobre o significado de cuidado e educação para crianças dessa faixa etária, pela emoção e sensibilidade de uma profissional que cotidianamente tem a experiência com os encantos das relações sociais com os bebês e com as outras professoras e sente no corpo as consequências advindas do grande desgaste corporal que o exercício da profissão imprime ao seu físico. Esse cenário constitui-se ainda no controle do trabalho docente por parte da Secretaria de Educação e do supervisor escolar, na consciência das professoras da importância

da relação professora-bebê para que elas se relacionem bem com o trabalho, e no seu papel na construção de contextos educativos que contribuam com o pleno desenvolvimento das crianças.

Referências

- Cerisara, A. B. (2002). *Professoras da Educação Infantil: entre o feminino e o profissional*. São Paulo: Cortez. (Coleção Questões da Nossa Época, 98).
- Duarte, F. (2018). A ação docente com bebês: marcas de uma especificidade. In *Anais da XII Reunião Regional da Anped Sul*, 2018, Porto Alegre.
- Falk, Judit (org.) (2011). *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. Tradução de Suely Amaral Mello. Araraquara, SP: Junqueira&Marin.
- Fanfani, E. T. (2010). Condição docente. In Oliveira, D. A., Duarte, A. M. C., & Vieira, L. M. F. *DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação.
- Goldschimid, E., & Jackson, S. (2006). *Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche*. Porto Alegre: Artmed. 304 p.
- Paro, V. H. (2000). *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Ática.
- Santos, M. O. dos. (2020). A solidão profissional de professoras de bebês. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, 6(2) 512-531.
- Scheibe, L. (2010). Valorização e formação dos professores para a educação básica: questões desafiadoras para um novo Plano Nacional de Educação. *Educação e Sociedade*, 31(112) 981-1000.
- Silva, I. R. da. (2018). *As dinâmicas corporais na docência com bebês*. [Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão].
- Tardiff, M., & Lessard, C. (2012). *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Tradução de João Batista Kreuch. 7a ed. Petrópolis: Vozes.
- Teixeira, I. A. de C. (2007). Da condição docente: primeiras aproximações. *Educação & Sociedade*, 28(99), 426- 443.
- Teixeira, I. A. (1996). Os professores como sujeitos sócio-culturais. In J.T. Dayrell (org.) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG.